



IDENTIDADES CULTURAIS EM *UMA PÁLIDA VISÃO DOS MONTES*, DE KAZUO ISHIGURO



CULTURAL IDENTITIES IN *A PALE VIEW OF THE HILLS*, BY KAZUO ISHIGURO

Tassiana Calsavara ANDRADE
Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA

RECEBIDO EM 12/12/2022 • APROVADO EM 13/11/2023

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v12i2.683>

Resumo

Escrever sobre o passado, principalmente assumindo uma posição de distanciamento, pode gerar grandes reflexões. O romance *Uma Pálida Visão dos Montes*, de Kazuo Ishiguro apresenta essa característica e uma forma de escrita que o transforma em uma obra singular. Neste artigo, através de base teórica acerca da construção de identidade e da cultura, juntamente com os trechos do romance de Ishiguro, conexões serão feitas e ponderações sobre como a identidade cultural não é algo imutável, mas é construída a partir do desenvolvimento e movimento de cada um.

Abstract

To write about the past, mainly assuming a distancing position can generate great reflections. The novel *A Pale View of the Hills*, by Kazuo Ishiguro presents these characteristics and a form of writing that turns it into a singular work. In this article, through a theoretical basis concerning identity and culture building, along with excerpts of Ishiguro's novel, connections will be made and observations about how cultural identity is

not an immutable issue, but it is constructed through the development and movement of each person.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Colonialismo. Identidade cultural. Kazuo Ishiguro.

Keywords: Colonialism. Cultural identity. Kazuo Ishiguro.

Texto integral

Introdução

*“A lembrança é a sobrevivência do passado.”
(Ecleia Bosi)*

Dentre os momentosos acontecimentos do século XX, um dos que mais abalou o mundo e é sempre lembrado apesar do passar dos anos é o bombardeio por parte dos Estados Unidos (com apoio do Reino Unido e do Canadá) às cidades de Hiroshima e Nagasaki, no Japão, em agosto de 1945. Decorria a Segunda Guerra Mundial e aquele ataque foi uma tentativa de que houvesse rendição do Japão e que foi anunciada poucos dias após o ocorrido. Embora o Japão não tenha sido um país colonizado, chegou a ser ocupado por tropas estadunidenses. Com essa vulnerabilidade do governo japonês, muitos cidadãos tentaram se reerguer, sempre tentando deixar para trás o passado e buscando a adequação às mudanças, como podemos notar no seguinte trecho:

Os piores dias já tinham passado. Os soldados americanos continuavam numerosos – estavam lutando na Coréia; mas em Nagasaki, depois do que acontecera, os dias eram de calma e alívio. Havia no mundo uma sensação de mudança. (ISHIGURO, 1988, p. 9).

É nesse contexto pós-bombardeio que o romance *Uma Pálida Visão dos Montes* de Kazuo Ishiguro se ambienta. O livro foi primeiramente publicado em 1982. O autor nipo-britânico nasceu em Nagasaki em 1954, quase dez anos após os ataques, e mudou-se para Inglaterra aos cinco anos de idade. Escreveu diversos romances, contos, roteiros e ensaios e em 2017 foi laureado com o Nobel de Literatura. O livro em questão conta a história de Etsuko, uma mulher japonesa de meia-idade, viúva de seu segundo casamento com um homem inglês, que vive na Inglaterra e tem de lidar com o fato de que sua filha mais velha, Keiko, cometera suicídio. O romance é narrado em primeira pessoa a partir da perspectiva de Etsuko, que se mostra uma narradora não-confiável, pois deixa algumas lacunas em seu relato de forma proposital. A história começa quando Etsuko recebe a visita de sua filha mais nova, Niki, após esse fatídico acontecimento. Com isso, ela se lembra de uma mulher, Sachiko e sua filha Mariko, que conhecera quando era mais nova e morava na cidade de Nagasaki pós-guerra. A história, então, passa a se alternar entre presente e passado, entre o período de visita de sua filha Niki e o período em que era mais nova e estava grávida de sua primeira filha Keiko.

Apesar de o texto poder parecer um pouco raso à primeira leitura, não escapam ao leitor mais atento os detalhes e a carga de significado que carrega a escrita de Ishiguro. O romance pode ser analisado por diversos aspectos e a sugestão de leitura do presente artigo se apresenta a partir de outra proposta já indicada pelo público leitor e analisada por estudiosos. O artigo *The Return of the Repressed: An Analysis of the Uncanniness in the Repetitions of a Pale View of Hills* de Jinglu Sun (2021) será citado para explicar a primeira proposta mais à frente. Basicamente, trata-se de se considerar a personagem Sachiko como uma forma de Etsuko falar de si mesma no passado, a fim de entender os acontecimentos do presente. Desse modo, quase todas as personagens encontrariam seus pares correspondentes nos diferentes núcleos narrativos: Etsuko grávida da primeira filha, Sachiko como Etsuko alguns anos mais velha e Etsuko anos depois vivendo na Inglaterra. Com base nessa, uma segunda proposta de leitura – a do presente artigo – é a de que as filhas – Mariko, Keiko e Niki – sejam uma alegoria à cultura da protagonista Etsuko.

Proposta De Jinglu Sun

O artigo *The Return of the Repressed: Na Analysis of the Uncanniness in the Repetitions of A Pale View of Hills* de Jinglu Sun (2021) busca trabalhar a ideia de que Etsuko e Sachiko são a mesma pessoa, sendo as lembranças distorcidas de Etsuko sobre a antiga vizinha uma forma de rememorar a própria história. Nessa proposta, Mariko e Keiko seriam também a mesma pessoa. Além disso, as repetições e *motifs* presentes na obra, que carregam significados, também são trabalhadas no texto de Sun. Para o desenvolvimento da proposta desse artigo, nos ateremos à primeira parte. Alguns trechos do livro são analisados para corroborar a ideia apresentada:

Os leitores podem ter suspeitado por muito tempo que ‘a história de Sachiko na versão de Etsuko’ é de fato ‘uma história de Etsuko camuflada’ e essa suspeita se tornou razoável com a evidência do deslize de Etsuko: " Keiko estava feliz naquele dia ". (182). (SUN, 2021, p. 36)¹.

Esse trecho do final do livro indicaria a suspeita de que Mariko e Keiko são a mesma pessoa, assim como Sachiko e Etsuko, pois ela se refere a um passeio feito às colinas de Nagasaki onde, segundo sua narração, suas vizinhas eram suas companhias, mas no trecho diz que era Keiko.

Além dessa, Sun apresenta outras pistas que são deixadas por Ishiguro que dão margem para que o leitor entenda que há correspondência entre outros personagens também. E para justificar a razão de Etsuko usar Sachiko para contar sua história, Sun afirma que:

¹*No original*: "Readers may have long suspected that "the Etsuko-version Sachiko story" is indeed "a camouflaged Etsuko story," and this suspicion trans out to be reasonable with the evidence of Etsuko's slip-of-tongue: "Keiko was happy that day" (182)." (SUN, 2021, p.36.Tradução livre).

Etsuko está tão cheia de culpa com a morte de Keiko que tenta dividir seu passado entre "o desejo de ser boa mãe" que ela mesma carrega; e o "fato de ser uma mãe ruim" que atribui a Sachiko. É uma maneira de deixar para trás o trauma e reconstruir a paz interior. (SUN, 2021, p. 37)².

Construindo uma narrativa de si, com um olhar de distanciamento, Etsuko consegue avaliar as atitudes que tomou no passado. E retomar essa memória através da linguagem é importante pelo fato de que "[o] instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual." (BOSI, p. 56, 1979). Etsuko faz o uso da linguagem para apresentar não só ao leitor seu passado e seu presente, mas também a si, de modo a ter um olhar compassivo de alguém de fora. A partir do momento que o leitor assimila essa função da linguagem utilizada por Etsuko, ele é capaz de entender as lacunas deixadas propositalmente na narração e consegue preenchê-las com a unificação da real lembrança, da lembrança propositalmente distorcida e da atual condição.

Identidade(s) de Etsuko

Seguindo esse ponto de vista de que Sachiko e Etsuko são a mesma pessoa, assim como Mariko e Keiko, proponho outra perspectiva de leitura: além de Sachiko e Etsuko representarem uma dupla identidade, as filhas (Mariko, Keiko e Niki) são uma alegoria à ideia de cultura, isto é, Etsuko criou a personagem Sachiko em sua narrativa para falar de si no passado, com distanciamento, assim como criou as personagens Mariko, Keiko e Niki para falar de suas identidades culturais.

Nessa perspectiva, Mariko representaria a cultura japonesa, enraizada, mas que vai sendo deixada de lado aos poucos. Nesse processo, ora é valorizada, ora é desprezada pela própria Etsuko. "[Mariko é] uma criança muito esperta. Você ainda não a viu como ela realmente é, Etsuko. Num ambiente como este, não se pode esperar que uma criança não se mostre difícil de vez em quando." (ISHIGURO, 1988, p.39). O próprio nome Mariko significa "filha da verdadeira razão"³, ou seja, era filha de Sachiko, que seria Etsuko num momento de 'lucidez' sobre seu destino naquele país, se continuasse como estava. Mariko seria a representação da identidade cultural que se forma na mudança de pensamento de Etsuko que vai abandonando o tradicionalismo japonês e começa a vislumbrar uma vida no ocidente.

2. *No original*: Etsuko is so guilt-ridden about Keiko's death that she attempts to divide her past into "the good-mother will" which she bears herself; and the "bad-mother fact" which she assigns to Sachiko. It is a way of letting go the trauma and "rebuilding" the inner peace." (p.37.Tradução livre).

³ O nome japonês Mariko é de origem japonesa. Escreve-se 真理子, sendo que 眞 significa genuína, verdadeira; 理 significa lógica, razão; e 子 significa filho (a). Fonte: <https://japanese-names.info/first-name/mariko/>

Keiko representaria a cultura japonesa tentando sobreviver em um ambiente ao qual não pertence, ou seja, a Inglaterra. Por se tratar de um ambiente hostil, pelo motivo de a Inglaterra ter sido um dos apoiadores dos Estados Unidos no ataque ao Japão, Keiko meramente sobrevive até tomar a decisão de tirar a própria vida. Ela era claramente infeliz naquele lugar, poucas vezes manifestava sua insatisfação abertamente e, quando isso acontecia causava desconforto à família:

Com o tempo, nós nos acostumamos com seu jeito estranho, e quando algum impulso a levava à sala, nós todos sentíamos uma grande tensão. Essas ocasiões terminavam invariavelmente em briga com Niki ou meu marido, e então ela voltava para seu quarto. (ISHIGURO, 1988, p. 48).

O nome de Keiko foi escolhido para homenagear a avó, como é explicado em uma lembrança de Etsuko sobre uma conversa que teve com o sogro quando ainda estava grávida. Essa escolha denota apego às raízes e tradições, sendo Keiko considerada *inteiramente japonesa*.

Por fim, Niki seria a nova cultura e nova identidade formada em Etsuko: europeia, mas com traços e raízes japonesas. Niki é mais britânica que japonesa, vive feliz em Londres, onde aproveita a vida com os amigos e é carinhosa com a mãe. Niki chega a mencionar várias vezes o relacionamento com a irmã, como percebemos em suas falas nos trechos: “as irmãs costumam ser unidas, não é? [...] Mas com a gente não era assim.” (ISHIGURO, 1988, p.8) e “ela nunca fez parte de nossa vida. Pelo menos, da minha e da de papai.” (ISHIGURO, 1988, p. 46). Percebemos então, o distanciamento existente entre Niki e Keiko, assim como o distanciamento entre a cultura que se forma na Inglaterra e a que foi formada desde seu nascimento no país de origem. Niki se diz orgulhosa pelo fato de a mãe ter deixado a vida passada no Japão: “O que você fez não deve ter sido fácil, mamãe. Devia orgulhar-se do que fez com sua vida.” (ISHIGURO, 1988, p.80) O nome Niki é uma mistura inglesa e japonesa: “Niki, o nome que finalmente demos à minha filha mais nova, não é uma abreviação; foi um meio-termo a que cheguei com o pai dela.” (ISHIGURO, 1988, p.7)

Frank, o ‘amigo’ americano de Sachiko, representaria a realidade ocidental tão atraente e ao mesmo tempo ilusória para Sachiko/Etsuko, como se observa no trecho: “A América é assim, Etsuko, muitas coisas são possíveis. Frank diz que eu também poderia me tornar uma mulher de negócios.” (ISHIGURO, 1988, p.40). Desse modo, Sachiko se iludia com a ideia que Frank passava sobre viver o ‘sonho americano’, porém ignorando todas as barreiras culturais e até geográficas que teria que enfrentar, visto que Frank prometia diversas vezes que a levaria juntamente com Mariko para os Estados Unidos, mas isso nunca acontecia.

Jiro e seu pai, ex-marido e ex-sogro de Etsuko, representariam a cultura japonesa ainda carregada de aspectos machistas e tradicionalistas e contra transformações que parecem ser iminentes, como temos exemplo no trecho: “Essas coisas que aprendemos com tanta ânsia dos americanos... Elas nem sempre são boas.” (ISHIGURO, 1988, p.58) Nesse trecho, o ex-sogro de Etsuko critica o direito que a mulher adquiriu de votar em candidatos que não fossem os mesmo que de seu marido. Então, para ele, a chegada da dita democracia, com o poder de escolha

seria uma quebra da lealdade da mulher em relação à sua própria família. Além disso, em diversos outros trechos do romance, podemos perceber como os homens japoneses agiam com rispidez com as esposas e como controlavam até o que podiam ler.

Sheringham, o último marido de Etsuko, representaria a Inglaterra. Assim como o derradeiro marido de Etsuko não mantinha uma boa relação com Keiko, a Inglaterra, que apesar de desejo em manter algo da cultura japonesa viva, não se empenhava o suficiente para que ela sobrevivesse em seu território. Sheringham escrevia sobre o Japão: “Na verdade, apesar de todos os belos artigos que escreveu sobre o Japão, meu marido nunca conseguiu compreender nossa cultura.” (ISHIGURO, 1988, p.81). Além disso, Sheringham também foi quem insistiu com Etsuko para que o nome de Niki fosse oriental: “Paradoxalmente, era ele quem queria um nome japonês, e eu – talvez por um desejo egoísta de não lembrar o passado – insistia em um nome inglês.” (ISHIGURO, 1988, p. 7)

Retomando a situação do Japão naquele contexto, é possível pensar nas considerações de Peter Barry em *Post Colonial Criticism* e ajuizar essa duplicidade de culturas e, conseqüentemente, identidades: “[Franz] Fanon (um psiquiatra da Martinica) argumentou que o primeiro passo para as pessoas ‘colonizadas’ encontrarem uma voz e uma identidade é recuperar seu passado.” (BARRY, 2009, p.187)⁴. Peter Barry fala sobre o Orientalismo (1978), a obra mais conhecida de Edward Said, na qual faz uma análise da visão distorcida que o Ocidente tinha em relação ao Oriente, de modo a justificar as ações do colonialismo, sendo a cultura europeia/ocidental posta como superior à cultura oriental. Nessa visão, o Oriente seria projetor daqueles aspectos – de certa forma selvagens – que aparentemente não faziam parte do Ocidente, por serem acobertados, como crueldade, lassidão, decadência. Ao mesmo tempo, paradoxalmente, seria misterioso e sedutor. Dessa maneira, tudo que fosse “não-europeu” seria representado como “O Outro” – exótico e imoral. A ideia de um Japão irracional é corroborada na passagem em que a morte de Keiko é reportada em um jornal britânico:

Ao contrário de Niki, Keiko era inteiramente japonesa, e alguns jornais deram destaque a isto. Os ingleses gostam de pensar que nossa raça tem um instinto suicida, como se isso tornasse desnecessária qualquer outra explicação. De fato, foi só o que publicaram – que ela era japonesa e enforcou-se no quarto. (ISHIGURO, 1988, p.8).

Ter a consciência dessa representação é a primeira característica da literatura pós-colonial. A língua em si é a segunda característica. Já a terceira característica tem a ver com identidade, sendo ela reconhecida como “dupla, híbrida e instável” (BARRY, 2009, p.189) Como quarta característica, apresentam-se as interações transculturais, segundo Barry (2009).

Pensando no que abrange as críticas pós-colonialistas, dois pontos são pertinentes nesta análise:

⁴*No original* “[Franz]Fanon (a psychiatrist from Martinique) argued that the first step for ‘colonialised’ people in finding a voice and an identity is to reclaim their own past.” (p.187.Tradução livre.)

[Elas] celebram o hibridismo e a 'polivalência cultural', ou seja, a situação em que indivíduos e grupos pertencem simultaneamente a mais de uma cultura (por exemplo, a do colonizador, por meio do sistema escolar colonial, e a do colonizado, por meio de tradições locais e orais). Elas desenvolvem uma perspectiva, não apenas aplicável às literaturas pós-coloniais, em que estados de marginalidade, pluralidade e notada "alteridade" são vistos como fontes de energia e mudança potencial. (BARRY, 2009, p.192)⁵.

Juntamente a essas considerações de Barry, é plausível pensar no que Stuart Hall (2005) discorre em *A identidade cultural na pós-modernidade* sobre o sujeito pós-moderno. Levando em conta a questão da híbrida identidade de Etsuko, é possível considerar que Stuart Hall classifica como sujeito pós-moderno aquele indivíduo que não apresentaria “uma identidade fixa, essencial ou permanente. [...] O sujeito assumiria identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não seriam unificadas ao redor de um “eu” coerente. (HALL, 2005, p.12-13). Desse modo, as diferentes identidades de Etsuko seriam uma estratégia de sobrevivência em cada ambiente e contexto que se insere naquele determinado momento.

Hall afirma também que:

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu. (HALL, 2005, p.13)

Sob esse ponto de vista, é plausível considerar as contraditórias identidades de Etsuko, um pouco dúbias e que também podem confundir aquele leitor mais desatento. Ela pode ser variável e se adaptar às transformações do meio ou ainda apenas ao desejo de mudança. Embora Etsuko tenha tentado, ainda que sem muito esforço, manter a cultura japonesa, essa foi suprimida aos poucos, pois, por se tratar de uma cultura nacional, ela incorpora valores daquela nação.

Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da *ideia* da nação tal como representada em sua cultura nacional. (HALL, 2005, p.49)

⁵*No original:* “They celebrate hybridity and 'cultural polyvalency', that is, the situation whereby individuals and groups belong simultaneously to more than one culture (for instance, that of the coloniser, through a colonial school system, and that of the colonized, through local and oral traditions). They develop a perspective, not just applicable to postcolonial literatures, whereby states of marginality, plurality and perceived 'Otherness' are seen as sources of energy and potential change.” (BARRY, 2009, p.192. Tradução livre)

Assim, a partir do momento que Etsuko, apresentada como Sachiko, começa a se distanciar dessa nação, ainda que em apenas uma idealização, indo contra as ideias e tradições do local, aquela identidade cultural nacional também vai se perdendo, como acontece com Mariko/ Keiko.

Dessa maneira, conclui-se que Etsuko apresenta identidades culturais instáveis em três momentos da narrativa, representadas por suas filhas. Os pontos a seguir se relacionam com as considerações anteriores feitas sobre as personagens do romance. Os locais em que essas diferentes 'Etsukos' vivem também apresentam forte simbolismo:

- 1) Etsuko grávida representa a cultura japonesa em relação à personagem: vive no Japão; estando em 'conformidade' com os acontecimentos e o machismo com que convive; tem esperança de melhoras em seu casamento com o nascimento de sua filha (de quem ela 'seria uma boa mãe'); em concordância com as ideias do sogro tradicionalista e nacionalista. No fundo era triste pela relação que tinha. Essa tristeza era notada pela Sra. Fujiwara, amiga do ex-sogro de Etsuko e dona de um restaurante que a protagonista frequentava. "Etsuko, você está parecendo cansada hoje. [...] Mas acho que você parece um pouco infeliz..." (ISHIGURO, 1988, p.21). Em relação ao local onde mora, trata-se de um apartamento no qual ela acredita que ficará provisoriamente, razão que a faz aceitar a precariedade da situação: "Os apartamentos [...] eram pequenos e difíceis de manter aquecidos no inverno, mas em geral os ocupantes pareciam satisfeitos" e aquele lugar tinha um "inconfundível ar de coisa provisória" (ISHIGURO, 1988, p.9). Etsuko sente-se incomodada com o forte odor e insetos que surgem devido ao lixo descartado indevidamente no terreno baldio, próximo de sua residência: "a drenagem era péssima, [...] nos meses de verão os mosquitos eram intoleráveis" (ISHIGURO, 1988, p.9). Infere-se que ela se conforma com a situação por acreditar ser aquele quadro temporário, porém há aspectos ao redor que a incomodam muito. De sua janela é possível ver as pálidas colinas de Nagasaki – o que dá o nome ao livro – e que pode significar uma lívida sensação de esperança de que dias melhores, com melhores condições de vida chegassem em breve.

Em dias bem claros eu conseguia enxergar muito bem além das árvores na margem oposta do rio, um pálido contorno de montes mostrando-se em encontro às nuvens. Era uma vista agradável, e algumas vezes trouxe-me uma rara sensação de alívio, no vazio das longas tardes que passei naquele apartamento. (ISHIGURO, 1988, p. 89).

- 2) Sachiko – que seria a representação de Etsuko alguns anos mais velha – vive no Japão, mas com pensamento nos Estados Unidos; ela ruma a ideia de mudança a qualquer custo; não aceitando a realidade da terra nativa e procurando uma condição mais promissora para ela e para a filha, isto é, um país onde o machismo não interfira em seu destino: "É um lugar melhor para uma criança crescer. [...] A vida é muito melhor para uma mulher na

América.” (ISHIGURO, 1988, p.40) Por estar nesse ‘entre-lugar’⁶, há pensamentos dúbios, ora conformistas, ora revolucionários. Não cuida bem de sua filha Mariko (cultura japonesa) que se vê assustada com a ideia de se mudar ou de acabar morta por ‘afogamento’ pela mãe, como acontecera com os gatinhos que ela tinha. Mariko (cultura japonesa) aparece como um empecilho para a mudança e a ideia de abandoná-la parece atraente, como se percebe nos trechos em que Sachiko não se importa em procurar a menina quando esta foge de casa. Sobre o local onde Sachiko residia, trata-se de um terreno pantanoso, misterioso como a floresta que o cerca e obscuro como a cabana em que vive. “Solitária no extremo do terreno baldio.” (ISHIGURO, 1988, p.10) Todas as características do terreno no qual vive denotam a instabilidade daquele momento que vive de esperança e de incerteza sobre tudo que a cerca. Sobre esse lugar, Jinglu Sun (2021) também faz uma observação:

A cabana apresenta "uma espécie de miséria total". Se considerada metaforicamente, a condição da cabana se identifica com a precariedade da vida de Sachiko e de muitas vítimas sobreviventes da guerra: sobreviver é uma coisa, viver é outra. (ISHIGURO, 1988, p. 41)⁷.

- 3) Etsuko como uma senhora de meia-idade que reside na Inglaterra, onde a filha Keiko (cultura japonesa) vivia infeliz e que, por fim, se suicidara, fato que não fora percebido de imediato. Sente-se, de certa forma, culpada pelo ocorrido. Na Inglaterra, Etsuko teve outra filha, Niki (cultura nipo-britânica) que vivia feliz. Por certo momento, as culturas coexistiam, ou seja, havia o hibridismo, porém Niki, certa forma, sufocou a existência de Keiko, o que culminou em seu triste fim. Nessa fase, Etsuko vive em uma casa ampla localizada no interior da Inglaterra, residência que ela acha grande demais e pensa em vender. Nessa casa, há o quarto fechado de Keiko, que chega a causar certo incômodo tanto em Niki como na própria Etsuko. Em dado momento, Etsuko convida Niki para caminhar e apreciar a beleza do campo, no que Niki responde “que ali não era realmente o campo, e sim uma versão residencial para pessoas ricas” e que é “nas áreas agrícolas da Inglaterra, onde, segundo Niki, vou encontrar o verdadeiro campo” (ISHIGURO, 1988, p.42). Nota-se que a realidade que Etsuko vê pode não ser tão autêntica quanto parece, isto é, toda a narração de Etsuko pode não ser confiável, pois como a própria protagonista reflete: “com frequência as recordações são coloridas pelas circunstâncias em que são lembradas” (ISHIGURO, 1988, p. 141).

⁶ O conceito de ‘entre-lugar’ foi apresentado no ensaio de Silviano Santiago escrito em 1970 e intitulado *O entre-lugar do discurso latino-americano*. O conceito abrange a subversão da hierarquia entre o original e a cópia, o colonizador e o colonizado, resultando na imposição da cultural ocidental, na violência da colonização.

⁷ *No original*: The cottage has "a kind of stark shabbiness". If taken metaphorically, the condition of the wooden house is just like that of Sachiko and many surviving victims of the war: to survive is one thing, to live on is another. (p.41. Tradução livre)

“As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a ‘nação’, sentidos sobre os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades.” (HALL, 2005, p.51) Assim, no momento em que Etsuko começa a questionar os valores de sua nação, ela procura mudar-se e como transformações geram perdas, uma parte de sua identidade nacional se perde, se misturando àquela identidade que surge em um novo país.

Ao final do livro, percebe-se que a visita de Niki serve para reflexões e para que Etsuko faça as pazes consigo mesma, pois, assim como foi dito anteriormente, a identidade não é algo imutável, então as perdas ocorridas no processo de mudança são inevitáveis. Ela relembra o passado com distanciamento ao refletir sobre as próprias atitudes como uma personagem criada – Sachiko – e assim poder analisar os acontecimentos com um olhar de quem está de fora. Voltando à epígrafe no começo desse artigo, ao retomar seu passado, Etsuko consegue encontrar sua voz e viver em paz com sua identidade.

Considerações Finais

As repetições de identidades, linguagens, cenários e cenas trouxeram um sentimento misterioso, que não só "assusta" o leitor, mas também atrai empatia. Depois de muitas repetições "o reprimido" finalmente voltou. Portanto, o estranhamento em *Uma Pálida Visão dos Montes* não só funciona como um estilo narrativo, mas também como uma força emocional, que contém grande valor estético e poder de ressonância. (SUN, 2021, p. 43)⁸.

Essa conclusão de Sun (2021) sobre *Uma Pálida Visão dos Montes* demonstra que muitos aspectos da obra trazem significados sobre cultura, identidade, reconhecimento, distanciamento, adequação, expectativas e frustrações; em outras palavras, o que configura o ser humano. A escrita de Kazuo Ishiguro permite uma gama de análises e todas elas convergem a um sentido estético carregado de emoção.

Refletindo sobre as contribuições de Stuart Hall e Peter Barry sobre a construção das identidades das personagens, considerando as mudanças culturais em relação ao contexto da época, além de pensamentos de Éclea Bosi sobre a memória foi possível traçar a trajetória de Etsuko a partir do olhar da mesma, ainda que com alguns pontos soltos e aparentemente não resolvidos, mas que escondem seus verdadeiros sentidos ocultos à espera de uma leitura atenta para desvendá-los.

O objetivo do presente artigo foi alcançado, pois conseguimos, com trechos do livro, fazer uma leitura alegórica das filhas de Etsuko e Sachiko como representações da cultura *puramente japonesa*, a Keiko; a cultura que transita entre ocidental e oriental, a Mariko; e a cultura formada na Inglaterra, com traços

⁸*No original*: “The repetitions of identities, languages, settings and scenes have brought an uncanny feeling, which not only “frightens” the reader, but also draws empathy. After many repetitions “the repressed” has finally returned. Therefore, the uncanniness in *A Pale View of Hills* not only functions as a narrative style but also as an emotional force, which contains great aesthetic value and resonating power.” (SUN, 2021, p.43. Tradução livre).

japoneses, a Niki. Com base na teoria dos estudiosos de crítica cultural, pudemos observar como os indivíduos sofrem mudanças devido a diversos fatores internos e externos, como contexto histórico, temporal, político e questões de gênero e raça. A cultura, por não ser imutável, apresenta diversos aspectos que podem se fundir, desaparecerem ou mesmo se criarem. Destarte, ler de forma crítica, se atentando para as entrelinhas e levando em consideração todo o contexto em que a obra foi produzida é importante não somente para extrair os diversos significados que uma obra literária pode conter, mas compreender esses significados de modo a rejeitar qualquer discurso discriminatório em relação à cultura daquele que pode ser, para nós, diferente.

Como dito anteriormente, através da linguagem, voz e identidade são concedidas àqueles que outrora não tiveram oportunidade de narrar sua história. No romance é mencionado o fato de ingleses escreverem sobre aquela realidade, como o segundo marido de Etsuko, que escrevera artigos sobre o Japão, e a amiga de Niki que estava escrevendo um poema sobre Etsuko. Portanto, nem sempre a história era contada por aqueles que vivenciaram o ocorrido. E poder fazer isso através da literatura é um ato prazeroso e proveitoso tanto para quem escreve quanto para quem lê.

Referências

BARRY, Peter. Post-colonial criticism. In: BARRY, Peter. *Beginning Theory: an introduction to literary and cultural theory*. Manchester: Manchester University Press, 2009. p. 185-194.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

ISHIGURO, Kazuo. *Uma pálida visão dos montes*. Tradução de Eliana Sabino. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

SUN, Jinglu. "The Return of the Repressed: An Analysis of the Uncanniness in the Repetitions of A Pale View of Hills." (2021): 35-43. Disponível em: https://catalog.lib.kyushu-u.ac.jp/opac_download/md/4377733/62_p035.pdf.

Para citar este artigo

ANDRADE, Tassiana Calsavara. Identidades culturais em Uma pálida visão dos montes, de Kazuo Ishiguro. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 12, n. 2, p. 94-105, maio-ago. 2023.

Autoria

Tassiana Calsavara Andrade é licenciada em Letras- Habilitação Dupla: Português e Suas Literaturas e Inglês e Suas Literaturas pela Universidade Federal de São João Del-Rei (2020). Atualmente, é mestranda Mestranda em Teoria Literária e Crítica da Cultura na linha de pesquisa Literatura e Memória Cultural do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, sendo Bolsista da CAPES sob orientação da Professora Doutora Miriam de Paiva Vieira. E-mail: tassianaca@aluno.ufsj.edu.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6395-2944>.